



Ana Lídia: uma tragédia aos 7 anos

Paz da cidade é sepultada com Ana Lídia

Brasília nunca mais foi a mesma depois que o corpo da estudante Ana Lídia Braga, então com sete anos, foi encontrado na tarde do dia 12 de setembro de 1973. "Era uma cidade das crianças, da tranquilidade; depois de Ana Lídia passou a ser a cidade da polícia, do medo", analisa o promotor Temístocles de Mendonça Castro, um dos vários representantes do Ministério Públíco que acompanharam o extenso processo de 2 mil 932 folhas, que hoje repousa empoeirado nas prateleiras da 7^a Vara Criminal do Plano Piloto.

Sem dúvida foi um dos crimes que abalaram a capital do País, pelas atrocidades a que foi submetida a estudante e pelo claro encaminhamento para a prescrição processual. Há muito tempo a polícia não encontra pistas novas (o processo está arquivado desde o dia 2 de outubro de 1987) e o crime acabará sem punição em setembro de 1993, a não ser que ocorra um milagre.

Ana Lídia era estudante do colégio Madre Carmem Salles, na L-2 Norte, onde foi vista pela última vez com vida. Depois de ser deixada pelos pais na porta da escola, a menina nem chegou a assistir às aulas.

Cerca de seis horas após o desaparecimento, um telefonema anônimo seria dado para a 2^a DP (Asa Norte) pelo provável sequestrador. Ele pedia Cr\$ 2 milhões como resgate e apresentou um choro de criança no telefone para comprovar que estava com Ana Lídia. No dia seguinte, um bilhete datilografado seria encontrado na SAB da 404/405 Norte (perto do colégio), exigindo do pai da estudante a quantia de Cr\$ 500 mil.

A polícia se desdobrou para localizar Ana Lídia. Alguns cadernos escolares da menor seriam encontrados perto do Grupamento de Fuzileiros Navais. Horas mais tarde, enquanto a polícia tentava um contato com o sequestrador, o guarda de vigilância do Grupamento de Operações Especiais, Antônio Moraes de Medeiros, descobria uma pequena valeta no cerrado, entre o Iate Clube e o Grupamento dos Fuzileiros Navais.

Ana Lídia estava semi-enterrada, nua, com visíveis sinais de violência sexual e sem seus longos cabelos loiros, que lhe chegavam à cintura. Morreu por asfixia, com o rosto na terra e o torax pressionado contra o chão, provavelmente pelos joelhos do homicida.

Criminoso foi reconhecido e desapareceu

Desde o início a população de Brasília imaginava que pessoas influentes poderiam estar envolvidas no assassinato de Ana Lídia. Mas o primeiro suspeito passou a ser Alvaro Henrique Braga, irmão da vítima, e Raimundo Lacerda Duque, colega de trabalho dos pais de Ana Lídia e amigo da família. Segundo os hábitos da menor, ela só sairia do colégio acompanhada de pessoa conhecida. Alvaro chegou a ser reconhecido pelo jardineiro da escola como o rapaz que levou Ana Lídia.

A suspeita sobre Álvaro e Duque era reforçada pela hipótese que a polícia estava trabalhando. Os amigos foram levados a julgamento e arrolados por falta de provas. Duque acabou condenado a 45 meses de reclusão por falsidade ideológica.